

# DE NORTE AO SUL DO BRASIL: PONTOS DE CONVERGÊNCIA

**Ester Abreu V. de Oliveira**

Mestrem Língua Portuguesa  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Curitiba

Doutora em Letras Neolatinas  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pós-Doutorado em Filologia Espanhola: Teatro Contemporâneo  
UNED - Madri



Artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a Licença Pública Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



Uma aventura *on the road* por um grande, generoso e sofrido país” encontra-se em *Alma do Brasil* (2018) de Jonas Reis, capixaba, natural de Colatina, jornalista e advogado e membro da Academia Espírito-santense de Letras. Jonas atuou nos principais órgãos de imprensa do Espírito Santo, tendo iniciado no jornalismo em 1977. Suas principais obras são: *Em nome do Espírito Santo* (sobre política regional), *O santo dos últimos dias - Quem amou Solange de Belleview?*(novela), *Viagem à alma do Brasil* (em inglês, *Trip out to the soul of Brazil*, traduzido por Paul W. Dixon e Luciane Bernardi Scopel), e *A lenda do lagarto azul* (obra infanto juvenil). Além desses livros existem ainda publicações de obra dramática, poética e contos premiados. Em 2022, Reis foi eleito para a Academia Espírito-santense de Letras, onde ocupa a Cadeira 10, como sucessor da educadora Ana Bernardes da Silveira Rocha.

Esse é um retrato limitado de Jonas Reis, pois o destaque para resenhar uma de suas obras é *Viagem à alma do Brasil*, que traz primeiro como uma epígrafe ou tradução do conteúdo da obra, na folha de rosto, a frase: “Uma aventura *on the road* por um grande, generoso e sofrido país”, e depois: “Sim, este livro é uma viagem”. Na folha seguinte, onde o autor me oferece a obra “Para a querida Ester, com carinho e admiração”, está a dedicatória da obra: “Para Vanessa Venuto Braga Reis”, citada na obra na pág. 314, quase ao final do relato de sua longa viagem pelo Brasil, na passagem, em que o narrador, a caminho de Porto Velho, em Rondônia, é tocado pela paisagem e pela mudança repentina climática. A imagem dos relâmpagos e do temporal que reteve em sua mente fluirá em sua recordação, quando em Vitória está em companhia de Vanessa em uma noite de tempestade caminhando pela rua, pois em nossa mente sempre retorna algo adormecido:

[...] Esta é a região onde vejo mais mangueiras carregadas à beira da estrada, sem que ninguém se interesse pelos frutos. Nesta estrada me pego com inveja ao ver um cavalo comendo mangas sob uma árvore. Os galhos estão curvados do peso de tantas frutas e o chão está salpicado de amarelo. Próximo à capital enfrentamos chuva torrencial, com trovões e relâmpagos iluminando o início da noite. no céu. Eu me lembraria deste momento numa tarde, meses depois, quando Vanessa e eu caminhávamos deliberadamente sob tempestade em Vitória, contando relâmpagos no céu. Mas aqui não vejo mais a estrada. Quando desembarco, Porto Velho me assusta com a pressa dos carros. [...]

A obra está dividida em quatro partes lembrando os pontos cardeais: Sudeste e Norte, Norte e Nordeste, Sudeste e Sul, e Sudeste Centro-Oeste, Norte.

Aumenta o nosso conhecimento e nos distrai contemplar paisagens e costumes. Sonhar depois de leituras foi o que sempre fiz, seduzida pelos livros. Desde o tapete mágico de Aladim seduziram-me as viagens e incluindo as realizadas no Brasil pelo professor com seus filhos, oferecidas nas leituras do livro didático, e as dos vários romances no decorrer desta minha vida. Naveguei pelo Pacífico junto aos exploradores da Expedição Kom Tiki. Cruzei o Atlântico da expedição ao revés dos conquistadores da América à Europa em barco a vela. Viajei pelos fiords e imaginei o sol da meia-noite. Percorri pelos campos e vilas de Castilla e Portugal com Azorín e Miguel de Unamuno. Por isso, aventurei-me em Alma do Brasil, viajando com pessoas comuns de ônibus, de barco, de táxi e de trem. Abandonei os frios aeroportos, para salpicar meu rosto e molhar meus pés nas águas do Amazonas. Estive em pensões, hotéis e deitei-me em rede. Folha a folha preenchida pelo narrador, quando em seu percorrer pelo território brasileiro a passos lentos, muitas vezes de sandália, me fazia parar a leitura para viver o momento descrito.

Percorrer estradas com paisagens diversas, cidades, lugarejos é bom, mas o melhor são as pessoas com suas mazelas, costumes, artes, histórias, e a literatura que jorra para o mundo e nos envolve quando se lembra da “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, quando passa por sua terra natal, Caxias, no Maranhão (p. 121). Ou, quando vai de São Luiz para Teresina seus olhos abrigam uma paisagem de águas cristalinas, cajueiros submergidos com abundâncias de frutos, a juçara, “mais leve e palatável que o açaí”, segundo ele, (p. 121), vendo a menina vendendo milho verde assado, ou percorrendo a casa de Cora Coralina, em Goiás Velho ou as de Vargas e Goulart no Rio Grande do Sul. Passo então a apresentar resumidamente o que foi esse meu transitar como leitora pelos quatro capítulos de Viagem à alma do Brasil, obra de Jonas Reis.

Na parte SUDESTE a NORTE o narrador em 118 páginas inicia sua jornada quando os passageiros do táxi lotação percebem que há um velório dentro de um templo evangélico ilhado pela cheia do rio e termina o capítulo em Parauapebas, na ser-

ra dos Carajás, descansando da viagem para retomar o caminho, num domingo, em direção ao Nordeste.

No capítulo de NORTE a NORDESTE, em 99 páginas, depois de sair de trem de Parauapebas, para São Luís, no Maranhão, e prosseguir a viagem de ônibus em direção à Teresina, Piauí, cidade em que, segundo o narrador o verde se espalha pela cidade, o viajante compra ali o Filé, um mico de madeira, de 40 cm de altura, e o despacha, pelo correio para a sua casa. De Teresina parte para o Ceará, e nesse trajeto tem contacto com um rapaz apanhador de palha de carnaúba, planta de muitas utilidades, que estranha a profissão de jornalista do narrador. Comparando as profissões, o rapaz conclui que a sua era um produto de utilidades diversas e ele, orgulhosamente tinha a marca no seu pescoço de um corte da palha no pescoço, enquanto a do jornalista com que contribuía? Desse encontro decorre um confronto entre o trabalho do operário e o do construtor da palavra escrita, num Brasil repleto de analfabetos. Em Fortaleza, “esquina do Brasil voltada para o Atlântico” (p. 139), Jonas se encontra com Rouxinol do Rinaré um escritor de cordel, (p. 138) e segue para João Pessoa, Rio Grande do Norte, onde as pessoas “se superam em simpatia” (p. 145) e daí para Pernambuco passando por Goiana, no norte desse Estado, cidade patrimônio nacional e, esclarece que “foi sede da capitania de Itamaracá e suas igrejas guardam registro da visita do imperador D. Pedro II, em 1859. O casario e as igrejas ainda hoje, seduzem os visitantes” (p. 148). Ali o caminhante se encontra com o artista Zé do Carmo que ofereceu ao Papa João Paulo I uma escultura de um anjo cangaceiro (“o guardião nordestino”, p. 149). Esse escultor se expande no conceito de anjo popular e coloca asas em esculturas diversas, no escravizado, no Zumbi dos Palmares, no cortador de cana, no catador de caranguejos, no sanfoneiro isso porque para ele “somos todos anjos, e a arte é infinita e ilimitada (p. 149). O visitante leva desse artista a permissão de colocar o cangaceiro anjo na capa de seu futuro livro sobre a viagem. Depois de mais contato com histórias de outros habitantes do lugar, de observar costumes locais o narrador prossegue sua viagem por novos caminhos, com outras paisagens e vários costumes acalentando a sua alma curiosa. Segue em direção a Piancó, lugar que ficou conhecido por ter ali ocorrido o episódio sangrento que envolveu a Coluna Prestes, no sertão pa-

raibano, onde se come arroz com leite e carne de bode, e, com o guia Chico Jó, reviveu o desastroso tema histórico. De Piancó se dirige à cidade cearense de Juazeiro do Norte. Terra santa do carismático, Padre Ciço, que morreu em 1934. Depois de subir a colina para chegar até a estátua de “27 metros de altura” (p. 165), desse santo nordestino, segue para Crato, onde reina uma “história rica e cultura que se respira com o ar” (p. 166) e onde em 03 de maio de 1817 foi deflagrado o movimento republicano e aprisionados os envolvidos, entre eles a heroína “Bárbara de Alencar, considerada a primeira prisioneira política do país” (p. 166). Depois de visitar a Universidade Regional de Cariri e de se enriquecer com os conhecimentos das escavações paleontológicas realizadas no sítio Canabrava, continua seu trajeto desbravador cultural em direção à “parada obrigatória da chamada Rota do Cangaço” (p. 170), terra natal de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, Juazeiro do Norte, e continua em destino a Caruaru “capital do xaxado. Com novas histórias e curiosidades, o leitor será premiado até ele chegar a Maceió onde não deixará de ir a União dos Palmares. Mais lembranças ressurgirão do Quilombo dos Palmares, cenário histórico de resistência à escravidão de negros escravizados que fugiam de seus senhores e ali se abrigavam. Continua a viagem em direção a Paulo Afonso, na Bahia, e, ainda, nesse Estado, segue para Canudos onde vai brindar o leitor com mais detalhes de paisagem e de história do século XIX protagonizada por Antônio Conselheiro, dando oportunidade ao narrador de lembrar dois escritores que consagraram o evento da Guerra dos Canudos: Euclides da Cunha e Mario Vargas Llosa. A direção seguinte Aracaju e Salvador, onde “80 dias depois de iniciar a viagem” (p. 209) toma o avião para Vitória. Nessa afirmativa paródia *A volta ao mundo em 80 dias* de Júlio Verne. Pergunta-se se não foi mesmo uma aventura grandiosa esse percorrer do Norte a Nordeste nesse nosso país continental de paisagens e costumes variados?

Na parte de SUDESTE a SUL o narrador cobriu 65 páginas narrando seu trajeto de avião partindo de Vitória, em direção ao sul, até Buenos Aires, e voltando de ônibus para o Brasil. Passa por Chuí, cruza a fronteira e entra no Rio Grande do Sul. Percorre as planícies do pampa gaúcho e visita as cidades: Pelotas, Bagé, “a rainha da fronteira” (p. 218), Dom Pedrito, Alegrete, Santana do Livramento, São Borges, a cidade “mais conhecida por ser terra natal de dois presi-

dentos do Brasil: Getúlio Vargas e João Goulart” (p. 227), Porto Alegre, a capital, e vem narrando os locais que lhe trazem recordações históricas. Cruzando ou margeando rios, descortinando paisagens diversas e registrando diálogos com histórias dos fortuitos passageiros desse percorrer chega a Santa Catarina, “entrada para conhecer outro Brasil, um país que pouco tem a ver com nossa história colonial, com a dependência de Portugal. Aqui é como se o Brasil tivesse sido descoberto dois séculos depois, com a chegada dos açorianos e mais tarde os italianos e os alemães, principalmente, mas também os árabes, os poloneses e os ucranianos, entre outros. (p. 242-243) Porém o narrador não deixa de passar pelo local da grande beleza brasileira: as cataratas da Foz do Iguaçu, “umas das sete maravilhas naturais do mundo”. (p. 272), fechando o ciclo desse trajeto.

No capítulo SUDESTE a CENTRO-OESTE e NORTE, em 53 páginas, Jonas Reis, no dia 11 de dezembro de 2021, dá início ao seu último percurso de viagem “à Alma do Brasil”, narrando a sua viagem de trem de Vitória para Belo Horizonte, ocasião em que pôde apreciar as variações do percurso do Rio Doce, relembrar a cultura dos índios Krenak. Da capital mineira seguirá para Paracatu, observando passageiros, citando curiosidades das cidades mineiras pelas quais passa, apontando florestas de buritis com seus frutos dourados: Felixlândia, Andrequicé, Três Marias e Paracatu, uma das cidades mineiras tombadas, que estava em festa religiosa. Depois que cruza a divisa de Minas para Goiás, registra nova mudança da paisagem com o surgimento de extensas fazendas de gados e com plantações de soja. Segue em direção a Pirenópolis, lá vai a Lagolândia e toma conhecimento da santa local: Benedita Cipriano Gomes e relata a sua história. Segue para Goiânia e observa, ao passar pelo planalto central que a “savana brasileira é uma fonte de preocupação ambiental, porque sofre degradação da qual pouca gente se dá conta”(p.297). Dirige-se para Goiás Velho, onde visita a casa da poeta Cora Coralina. Segue em direção a Mato Grosso do Sul. De Campo Grande do Sul vai até Aquidauana e relata acontecimentos históricos dali. Prossegue seu trilhar para Cuiabá e para Rondônia. De Porto Velho, cidade “fundada à margem do rio Madeira” (p. 314) se dirige para Rio Branco, no Acre, fechando o ciclo da viagem no norte, Manaus, onde ocorreu o início de sua viagem.

Desvendar o que o seu país tinha de mais íntimo, escondido, sua gente, sua História, sua natureza variada no mais curioso que se sabe e que se desconhece foi o que atraiu Jonas Reis, como comprova sua obra. E, como um oroboro, em Manaus inicia o seu percurso pelo Brasil e em Manaus o termina. Por fim, ler a obra é visitar a literatura, a História do Brasil e ter conhecimento de fatos desconhecidos por muitos brasileiros, ver paisagens diversas e costumes pitorescos que se encontram no âmago de um país de território tão extenso e ainda a ser desbravado.

Vale a pena ler esta obra recheada de causos, histórias, lendas, enfim, um registro imperdível de um atento olhar.

#### REFERÊNCIA

REIS, Jonas. Viagem à alma do Brasil. Vitória, ES: s. n, 2023. 328 p.